

LEITURA E INSERÇÃO SOCIAL: REFLEXÃO SOBRE EXPERIÊNCIA LEITORA EM TRABALHO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COM PESSOAS IDAS

MARIA EMILIA OLIVEIRA DE SANTANA RODRIGUES (UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR).

Resumo

O texto suscita uma reflexão sobre a prática de leitura e escrita em um projeto de Extensão Universitária, desenvolvido em Salvador, estado da Bahia, no Programa de Universidade Aberta à Terceira Idade. Este projeto visa contribuir para a manutenção da autonomia e independência das pessoas com mais de 60 anos, o resgate do conceito de cidadania e o desenvolvimento de atitudes positivas (inclusive o gosto pela leitura) para um envelhecimento saudável. A leitura é considerada enquanto atividade que não se esgota na decodificação da palavra escrita, sendo relacionada aos objetos destinados à cultura letrada. Este trabalho baseia-se em pesquisas bibliográficas acerca de concepções sobre leitura, enquanto interação social, bem como atos de leitura que possibilitam a inserção social e a ativação da memória. Relata-se uma programação que intertextualiza variados gêneros e que foi desenvolvida no segundo semestre de 2008. Conceitos desenvolvidos por Bakhtin são retomados para elaborar uma compreensão do uso da linguagem na análise do relato dessa proposta de leitura e escrita. Assim, o seu propósito é apresentar e discutir a experiência desenvolvida na atividade de extensão universitária, do Projeto Envelhecimento Saudável, em Círculo de Leitura e Produção de Textos IV, realizada em 2008, defendendo a necessidade de ampliar as possibilidades de leitura para a população na faixa etária trabalhada.

Palavras-chave:

Leitura., Inserção social., Extensão universitária. .

INTRODUÇÃO

As questões de leitura nutrem-se de sentido pleno ao permear toda a vida de uma pessoa, independente de sua faixa etária, etnia, classe social ou condição financeira, embora se possa observar, em estudos e pesquisas, que atos de ler são afetados por essas condições. Inicialmente, tomo como reflexão, o mapeamento da questão da leitura em sua concepção enquanto interação e pondero sobre a relação entre leitura e inserção social das pessoas. A partir daí, penso que a leitura é uma possibilidade de ser e estar no mundo, cheio de palavras, imagens, gestos e objetos que se mostram e que podem ser lidos, vistos e transvistos. É também uma possibilidade de estar em interação com o outro; enfim, a leitura é um ato que abre perspectivas que emprestam às pessoas um caráter de mais dignidade humana. Tomando as palavras de Freire (2004, 2005), concluo que, através da "leitura de mundo", os homens pronunciam esse mesmo mundo, num movimento de participação que busca a resolução dos seus problemas.

Assim considerado, levanto argumentos sobre a realização de atividades de leitura em variados espaços sociais, com pessoas de diferentes faixas etárias, escolaridade, entre outras características e sua relação com a inserção social desses sujeitos.

1 EXPERIÊNCIA EM LEITURA NUMA ATIVIDADE DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Aproveito a oportunidade para partilhar uma experiência de leitura e escrita que vivenciei em 2008 num grupo formado por dezoito pessoas com mais de 60 anos, participantes do Projeto Envelhecimento Saudável, vinculado ao Programa Universidade Aberta à Terceira Idade de uma universidade particular em Salvador, Bahia. O seu objetivo é contribuir para o envelhecimento saudável da população de Salvador dentro dos preceitos científicos da Gerontologia, incorporando o acesso ao conhecimento, ao lazer com arte e à integração das diferentes gerações, através da oferta de atividades socioculturais, educativas e de inserção social. Sua organização curricular é desenvolvida em quatro áreas, através de atividades, entre elas, Círculo de Leitura e Produção de Textos IV, proposta desde o primeiro semestre de 2007 e inserida na área de Comunicação.

Ao relatar sobre as atividades do Círculo, recorro momentos de prazer e alegria, de muita leitura e discussão. Às segundas-feiras à tarde, havia um encontro marcado com as participantes, para conversar, ler, escrever, escutar e discutir sobre os temas escolhidos. As palavras desfilavam: lidas, ouvidas, silenciadas..., mas percebidas e significadas.

O semestre começou em agosto de 2008, com a proposição e discussão do trabalho em três grandes blocos: Cem anos sem Machado: os olhos de Capitu; Vem chegando a Bossa Nova! Escutando autores baianos: um dedo de prosa com João Ubaldo Ribeiro. Vale salientar que os projetos pedagógicos pautaram-se em concepções de gêneros textuais apoiadas em Marcuschi (2003), que enveredam em "realizações lingüísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas" (apud DIONISIO, 2003, p. 23) exemplificadas nos gêneros: romance, conversação espontânea, cartas, entre outros.

1.1 Primeiro momento: Cem anos sem Machado: os olhos de Capitu

Aproveitar a comemoração dos 100 anos de morte de Machado de Assis foi o mote desse projeto que proporcionou uma revisita aos livros de Machado. Com o entusiasmo de muitas das participantes, lemos capítulos e livros desse grande escritor, para muitas também o maior de todos os tempos! Além disso, aproveitamos para melhor conhecê-lo, através do site, <http://www.machadodeassis.org.br>, fazendo um passeio virtual em nosso Laboratório de Informática. Foi um momento de encantamento e de alegria, de aprendizagem e de conhecimentos novos! Os fios da história de vida de Machado ainda foram tecidos com as pesquisas trazidas por algumas das participantes e pelo texto distribuído com todo o grupo.

A escolha de livros de Machado para ler e reler foi livre e o romance Dom Casmurro foi selecionado para uma releitura mais aprofundada. Trazer Capitu para o centro das discussões foi emocionante! Afinal, ao longo dos anos, Capitu tem desafiado a crítica com o enigma, sutilmente criado por Machado, sobre a traição. A conclusão deste Projeto foi realizada através de trabalhos em duplas que escolhiam a leitura de um romance, de um capítulo considerado mais interessante por elas, para posteriormente socializar no grupo as escolhas, formulando as suas significações.

No entanto, vale salientar que as palavras faladas e lidas com emoção sobre a obra de Machado também tiveram contrapontos de algumas participantes que o consideraram muito profundo e de difícil entendimento e não se sentiram cativadas por seus romances.

Ao mesmo tempo, outros escritos ainda foram produzidos. Como o trabalho é desenvolvido num clima livre, sem cobranças, a produção de textos, também fica liberada: escreve quem sente o desejo de escrever. Textos variados foram

produzidos, entre os quais: comentários sobre as leituras realizadas em sala; resenhas de livros lidos; produções escritas sobre as questões apontadas nos romances lidos, entre outros.

1.2 Segundo momento: Vem Chegando a Bossa Nova!

E saímos do convívio com os textos de Machado para nos embalar com as músicas da Bossa Nova! A música tomou conta de nossas atividades. Ouvi-la trouxe risos e olhares lânguidos de reminiscências de um passado recheado de bons momentos. O CD era o nosso suporte. Os artistas eram variados, mas a base foi Baden Powell, Carlos Lyra, Nara Leão, Chico Buarque, Vinícius de Moraes e Tom Jobim, estes dois últimos fizeram um casamento perfeito: dois gênios encontraram-se na bossa.

Buscar as significações da palavra bossa também nos mostrou outras significações, inclusive ideológicas, lembrando-nos Bakhtin (2004) que diz: "tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo" (BAKHTIN, 2004, p. 31). E nesse fora de si mesmo, mas ao mesmo tempo dentro de si, as lembranças situavam-se na memória e o ritmo da Bossa Nova ecoou nos espaços da universidade com as muitas canções cantadas pelas participantes. Além disso, muitas declamações de poemas também se fizeram presentes. O *soneto da fidelidade*, de Vinícius de Moraes (1960, p. 96), foi declamado por muitas participantes que, entre sorrisos marotos e lágrimas insistentes, se recordavam dos tempos vividos. Assim os versos do poeta, "De tudo, ao meu amor serei atento. Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto, Que mesmo em face do maior encanto, Dele se encante mais meu pensamento", deslizaram pelos papéis e vozes de todo o grupo.

Cantarolamos muitas músicas, entre as quais: Eu sei que vou te amar e Se todos fossem iguais a Você, de Vinícius de Moraes e Tom Jobim; A Banda, de Chico Buarque de Holanda. Também assistimos a um documentário sobre a Bossa Nova. Com saudades, embaladas por letras e músicas tão lindas quanto as de Moraes e seus parceiros, despedimo-nos da Bossa Nova e, em novembro, fomos dar um dedo de prosa com João Ubaldo Ribeiro.

1.3 Terceiro momento: Escutando autores baianos: um dedo de prosa com João Ubaldo

O Bloco 3 - Escutando autores baianos: um dedo de prosa com João Ubaldo Ribeiro - foi o mais curto dos projetos! Mesmo assim, lemos várias crônicas desse autor e comentamos suas idéias, fazendo contrapontos com as idéias das participantes. Novamente as palavras, faziam parte da realidade material, refletiam e refratavam outra realidade (BAKHTIN, 2004). Percebemos que o grupo se instigou a buscar as crônicas de João Ubaldo, ao ler aquelas que estavam inseridas no Caderno 2 do Jornal A Tarde, dos domingos em sua coluna semanal. Uma delas, *Velhotes Municipais*, divulgada em 30 de novembro de 2008, foi lida e comentada pelas participantes, e aproveitamos o tema para fazer um *link* importante entre Leitura e Gerontologia. A palavra que compunha o título '*velhotes*' foi explorada com base ideológica, propiciando um debate e reflexão sobre as diferenças profundas no domínio dos signos (BAKHTIN, 2004)

Em seu texto, João Ubaldo critica as questões da velhice, da qualidade de vida e da criação de órgãos para atendimento a pessoas idosas. Aspectos esses que foram também pontuados pelas participantes, considerando que não é a inauguração de órgãos públicos que promove a qualidade de vida das pessoas idosas. O que se precisa instituir são políticas públicas que atendam às necessidades dessa população. O que necessita ser divulgado é a importância de se valorizar e

respeitar a velhice, enfim, mudar paradigmas, inclusive culturais. As discussões fervilharam e um pacto foi combinado entre nós: ler a crônica semanal de João Ubaldo, no jornal A Tarde.

Com este desenho construído, passo a discutir na próxima parte, sobre a leitura como elemento de inserção social em atividade de extensão universitária com pessoas com mais de 60 anos, trazendo incursões bakhtinianas.

2 OS ENSINAMENTOS: LEITURA COMO ELEMENTO DE INSERÇÃO SOCIAL EM ATIVIDADE DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Os ensinamentos construídos e as palavras que foram significadas no Círculo, enquanto atividade de extensão universitária, possibilitaram mostrar que a leitura é uma atividade de inserção social para pessoas de mais de 60 anos. Também através das investigações teóricas desenvolvidas, arrisco ampliar que a leitura é uma atividade de inserção social para qualquer pessoa, independente de idade, sexo, etnia e ou condição social. Lembro também um fragmento da música O Poeta Aprendiz de Vinicius e Toquinho (2001), por considerar que nosso país, "quem sabe um dia, poderia ser", (prefiro ser otimista e colocar o verbo no futuro do presente, poderá ser), uma fonte inesgotável de leitores cidadãos.

2.1 Objeto Leitura-palavra: incursões bakhtinianas

Um dos possíveis caminhos para fazer frente aos argumentos com os quais encerrei a seção anterior talvez seja trazer as palavras de Azevedo em seu poema, *Aula de Leitura*, que nos mostra a plenitude e a diversificação que a leitura - das palavras, dos sentidos, dos objetos, das imagens - possibilita. "A leitura é muito mais do que decifrar palavras [...] vai ler até nas estrelas, e no som do coração [...]" (AZEVEDO, 2000, p.41-42)

Percebo uma relação de suas idéias com as concepções de Freire (2004), ao dizer que a leitura não é somente a decodificação de signos. Lajolo também participa dessa discussão, quando diz que:

"Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, [...] relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um [...] e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista" (LAJOLO, 1982, p.59)

Assim, apoiada em significações trazidas pelas palavras lidas, ouvidas, vistas e transvistas, percebi que houve, em muitos momentos do Círculo, esta entrega citada por Lajolo, como também uma rebelação com os sentidos trazidos nos textos lidos e nas significações comentadas.

A reflexão para abordar as mudanças de significação percebidas nas falas das participantes é embasada ainda nas idéias de Bakhtin (2004). No dizer de Bakhtin, a palavra "acompanha e comenta todo ato ideológico", servindo como "indicador das mudanças." (BAKHTIN, 2004, p. 17). Cada palavra enunciada pelas participantes proporcionou um diálogo, no sentido amplo do termo, fazendo com que observássemos a "natureza social, portanto ideológica" das palavras naquele contexto.

Havia o pensamento de um "locutor" que pensava e se exprimia "para um auditório social bem definido" (BAKHTIN, 2004, p. 16), ou seja, naquele público específico e naquela situação e tempo exclusivos. As significações trazidas eram percebidas com

cargas de experiências vividas, diferentes umas das outras, singulares e plurais ao mesmo tempo.

Do mesmo modo, a compreensão das palavras que permearam as atividades do Círculo mantinha uma aproximação com outras palavras e idéias já conhecidas das participantes. Isso era percebido claramente. Pessoas que tinham mais intimidade com livros, leituras, palavras, manifestavam-se com mais intensidade e fluência, mostrando o conhecimento construído ao longo do tempo.

Enfim, as propriedades da palavra, apoiadas em estudos bakhtinianos: "pureza semiótica, sua neutralidade ideológica, sua implicação na comunicação humana ordinária, sua possibilidade de interiorização e sua presença obrigatória, como fenômeno acompanhante de todo ato consciente [...]" (BAKHTIN, 2004, p. 38), fazem conceber toda a unidade da consciência verbal constituída pelas participantes que mostram as questões ideológicas dos seus processos de linguagem, comunicação e interpretação.

Aproveito para trazer a análise de algumas palavras que transitaram no Círculo, à luz das significações bakhtinianas. Para tanto, selecionei somente duas palavras para esta análise: *bossa* e *velhotes*. A primeira palavra a ser analisada é *bossa*, incluída em um dos títulos dos projetos pedagógicos trabalhados e que foi utilizada durante um bom período do trabalho. Comentar sobre o que era a *bossa* foi apreciado pelo grupo. Pesquisei, inicialmente, as significações trazidas pelas participantes e estabeleci relações com as significações dicionarizadas. A palavra *bossa*, termo da gíria carioca, no fim dos anos cinqüenta, significava jeito, maneira, modo. Quando alguém fazia algo de modo diferente, original, de maneira fácil e simples, dizia-se que esse alguém tinha *bossa*. Risos e evocações da memória foram vivenciados nesses momentos. Notei que as significações trazidas pelas participantes davam conta do que a palavra representava em seus momentos de vida, e se assemelhavam às significações encontradas em dicionários. Observei igualmente que uma "análise profunda e aguda da palavra como signo social" (BAKHTIN, 2004, p. 37) permitiu a compreensão da consciência social instalada nas pessoas do grupo.

Velhotes foi outra palavra que selecionei para analisar. Ao ler o título da crônica de Ribeiro, a palavra criou um clima de suspense e de reprovação, vez que "a palavra acompanha e comenta todo ato ideológico" (BAKHTIN, 2004, p.37). Falar de *velhote* colocou no ar um tom de rejeição de sentido, pois a palavra traz uma carga semântica que culturalmente é carregada de negatividade.

Velhice, velha, envelhecimento, *velhote* são palavras impregnadas de significação culturalmente negativa, de perdas que são acompanhadas por expressivas transformações sociais, econômicas e comportamentais. *Velhote* então, com a utilização do sufixo *-ote*, passa uma conotação mais carregada negativamente. Uma ida ao dicionário me permitiu selecionar algumas acepções para o vocábulo. No Aurélio, localizei entradas da palavra *velhote*: "1. Diz-se do homem já um tanto velho" 3. Velho alegre, folgazão" (FERREIRA, 1986, p. 1760). No entanto, observo que ideologicamente, a ideia de alegria se ausenta da significação historicamente construída.

Ao comentar sobre as significações trazidas pelas participantes, considerei os seus sistemas de conhecimento lingüístico, enciclopédico e interacional. Percebi o quanto pronunciar aqueles sentidos inflamava o grupo, notando a sua compreensão e interpretação de uma palavra que traduz toda ideologia de uma sociedade ocidental. Aproveitei o momento para analisar os princípios do Projeto Envelhecimento Saudável que se voltaram para essas discussões, e trouxeram,

outra vez, alguns conceitos gerontológicos, inclusive sobre as questões de autonomia e independência, ou seja, a capacidade de determinar e executar seus próprios desígnios durante todo o tempo de vida. Assim, ainda amparada em Bakhtin, concluo que a palavra está "presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação" (BAKHTIN, 2004, p.37). Com essa breve análise, mostro a importância de se observar, mediante conceitos bakhtinianos, como as palavras perpassam a vida das pessoas.

2.2 Leitura e inserção social

As referências entre leitura e inserção social, já anunciadas em seções precedentes, precisam ser aqui retomadas. Inserção Social, em seu sentido mais amplo, é engajar a população em favor do coletivo, de modo que todos, sem exceção, possam ter acesso às condições dignas de vida, incluindo-se: informação, alimentação, saúde, educação, habitação, trabalho, renda e dignidade. E a forma de se chegar a esse ponto é mobilizar a coletividade, para que todos efetivamente possam ser integrantes de uma sociedade mais justa.

Acredito firmemente que através da leitura, a sociedade pode alcançar novos patamares de inserção social. Os atos de ler, argumentados por Freire (2004/2005) e por Lajolo (1982) motivam tal discussão e afirmação.

A utilização da leitura pode tornar os homens, indistintamente de cor, sexo, idade, ou classe social, pessoas plenas e incluídas socialmente. Com base nesse uso, também arrisco dizer que a inserção social passa intrinsecamente pelas possibilidades de leitura desenvolvidas por uma pessoa, um povo, uma sociedade. Freire (2005) ao considerar a leitura como uma atividade essencialmente humana, pertencendo assim à sua essência, mostra que os homens, independente de qualquer categorização, têm o direito de aprender a ler, enfim, de ler para se inserirem plenamente na coletividade em que vivem.

Há, dessa forma, uma relação importante mostrada por Freire, e que assumo também, quando diz que "Linguagem e realidade se prendem dinamicamente [...]" (FREIRE, 2005, p. 11). Presumo que essa dinâmica relação se fundamenta nos atos de ler. A necessidade de um povo, de uma sociedade é ser essencialmente leitora e produtora de significação. Logo, leitura é forma de inserção social que também se prende funcional e intrinsecamente à vida plena de dignidade e cidadania.

3 CONCLUSÕES TRANSVISTAS

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. [...] (BOSI, 1994, p. 55)

Os olhos que viram as palavras, as imagens, os gestos, enfim, tudo que foi vivenciado no Círculo em 2008.2, certamente ampliou as lembranças não revistas, mas reconstruídas, refeitas, repensadas com as idéias contemporâneas, que permitem transver o mundo. Muito aprendi, inclusive com diz Gonzaguinha: "[...] E aprendi que se depende, sempre, de tanta muita diferente gente. Toda pessoa sempre é a marca das lições diárias de outras pessoas [...]" (GONZAGUINHA, 1982)

Ao finalizar este texto, continuo a me perguntar sobre as questões de leitura, enquanto possibilidade de inserção social, quem sabe reiterando a obviedade que

não é vista, muito menos transvista no mundo. Entretanto, prefiro abrir a sensibilidade às questões contemporâneas, enveredando por explorações alentadoras e mostrando o aprendizado que fazemos sempre, com as diferentes gentes que encontro nesse caminhar. Todas as pessoas que conviveram no Círculo foram "marcas de lições diárias de outras pessoas", como disse Gonzaguinha.

Assim, as leituras realizadas no Círculo como práticas inerentes a todas as práticas, inclusive práticas de vida, práticas de inserção social, foram vivenciadas através de procedimentos de leitura sentidos, pensados e críticos. Também mostraram que as participantes deste Círculo são pessoas inseridas socialmente e que buscam novas significações para as palavras que desfilam em textos escolhidos, acolhidos ou rejeitados, inserindo-se plena e socialmente como cidadãos do mundo. Quem sabe um dia todas as pessoas terão estas oportunidades... Quem sabe?

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. **Dezenove Poemas Desengonçados**. São Paulo: Ática, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. São Paulo: Editora Cia. das Letras, 3ªed. 1994.

DIONISIO, Angela P., MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros Textuais e Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

FERREIRA, Aurélio. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 9. ed.rev. amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 46. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GONZAGUINHA (Luís Gonzaga do Nascimento Júnior). **Caminhos do coração**. EMI, 1982. JOBIM, Antonio Carlos, MORAES, Vinicius de. **Chega de Saudade**. Globo Columbia. 1994.

LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola**. São Paulo: Globo, 1982.

MORAES Vinicius de. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.

_____. **Livro-disco O poeta Aprendiz**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2001.

RIBEIRO, João Ubaldo. Velhotes Municipais. **Jornal A Tarde**. Salvador: 30 nov 08, Caderno 2, p. 2.